

**T**eixeira de Pascoaes sustentou um esquema dual de antecedentes étnicos na matriz da nacionalidade, postulando, nesse sentido, uma arriscada e fascinante simbiose entre os contributos da cultura ariana e semita. A inspiração do paganismo-natural de Pascoaes bebe da herança grega, romana, goda e celta, e o seu espiritualismo radica na cultura semita de onde extraiu os ditames bíblicos e o culto do espírito.

Pascoaes lançou as sementes da doutrina de reconstrução saudosista da alma do país e contribuiu para o desenvolvimento de um nacionalismo místico (“Arte de Ser Português”), no despertar espiritual da Nação portuguesa, no dealbar da República. Pascoaes reativou a comunhão atávica dos povos antigos com as sombras (sinonímia de alma das coisas, no meu entender) das árvores, das montanhas, rios e nascentes como um valioso caminho de abertura ao sagrado, como expressões hierofânicas naturalísticas. A visão panteísta da natureza oferece um amplo santuário

# FRAGMENTOS ATÁVICOS NA RELAÇÃO COM ALÉM NA RELIGIOSIDADE POPULAR

Cristina Aguiar

de experiências extáticas, de candura e de prazer, alimentando a conceção metafísico-religiosa de Pascoaes. A ansiedade dicotómica entre o imanente e o transcendente, e da origem do Bem e do Mal tornam o poeta do Marão no pivô de resgate das interrogações agostinianas, e, concomitantemente, esforçando-se na preservação da herança cultural pagã: “Deus é uma sombra espiritualizada da Natureza, o seu fantasma inatingível, vivendo para além dela, num silêncio misterioso e remoto”. Pascoas constrói as bases messiânicas numa fusão harmoniosa do mundo natural ao mundo espiritual; pois ele mesmo diz que “hão de subir ao mesmo altar |Jesus e Pã!” - a transcendência espiritual versus a imanação telúrica.

A demopsicologia portuguesa manteve-se, igualmente, suscetível e vinculativa ao contributo do ramo ariano na religiosidade popular e partilhou a dialética saudosista de Pascoaes. As reminiscências pré-cristãs sobre uma existência imortal no Além, conflituavam com um rosário de dúvidas surtidas da influência católica, em particular nas zonas rurais. A persistência da vinculação aos cultos ctónicos arcaicos no inconsciente coletivo facilitou o processo sincrético ao Purgatório, o dogma de Fé prevalente na Idade Média. A localização desta transição medial das almas dos defuntos, no interior da Terra e um pouco acima do Inferno, reativou superstições resultantes da antiga religião ctónica associada ao culto dos Antepassados, e abriu um horizonte de esperança na salvação, mitigando a angústia terrena em relação ao dualismo do Céu, como destino gracioso para os bons, e o Inferno, como destino dos impuros e transgressores.

A introdução do culto das Alminhas propôs uma via expiatória alternativa, suavizante e solidária, no trajeto post mortem pelo fogo do Purgatório. O extraordinário engenho criativo e sincrético do povo manteve a arcaica janela de comunicação e de entreaajuda com os defuntos - cultuados, antes do Cristianismo, como agentes benéficos e promotores da germinação das plantas - e enriqueceu o património cultural. As Alminhas substituíram nas encruzilhadas, nos caminhos de passagem,



antigos monumentos romanos erguidos em honra das suas divindades e númenes. Estas microcapelinhas articulam um diálogo psicológico silencioso e cúmplice entre os vivos e as almas dos falecidos, mantendo ativa a memória comunitária dos mortos, na função, já esbatida, de génius apotropaicos.

A escolha destes locais de intercessão não foi, pois, aleatória. Há nestes nichos religiosos fragmentos atávicos da cultura religiosa Celta, Romana e Grega - tradições antigas sensíveis à adoração dos antepassados e dos Deuses do submundo: Hermes, Senhor dos abismos da terra, intermediário das estradas entre a Terra e o Céu, dispensador de sonhos e do sono, e Hécate, deusa protetora das portas e das estradas, da morte e da luz lunar. Os Celtas acreditavam que nas encruzilhadas dos caminhos se reuniam as almas dos seus antepassados; e às feiticeiras cabia a função de intermediar os mundos terreno e dos mortos, simbolicamente representados nesses pontos de cruzamento. As crenças populares nas Alminhas fizeram, portanto, o aproveitamento destas portas de entrada para o submundo ativadas pelas práticas antigas. Por essa razão, o Cristianismo transformou esses lugares de junção simbólico do mundo de cá com o de lá, num lugar de manifestações diabólicas, suscetíveis a interferências sobrenaturais profundamente negativas. A superstição seguiu esses ditames inquisitivos e transformou as encruzilhadas num misto de cenáculos de promiscuidade e de invocação do diabo às horas abertas (meia-noite ou meio-dia) fazendo-o emergir da fundura da terra. As feiticeiras retinham o Senhor dos Infernos, apertando-o entre pernas, numa alusão à sexualidade. Na tradição Celta, era legítimo aos espíritos influenciarem a vida dos vivos e os deuses não viviam longe dos homens, mas na terra ou debaixo dela.

Exemplo de Alminhas

*“Ó tu mortal que vês  
Repara bem como estou  
Eu já fui o que tu és  
E tu serás o que eu sou”*

-----  
*“Ó vós que ides passando  
Lembrai-vos de nós  
Que estamos penando”*

As Alminhas confrontavam os vivos com a ameaça de uma destino transitório nas brasas purgativas e apontavam-lhes a relativa fragilidade da vida e o peso inevitável da morte. O sufixo “inha” pressupõe um sentido complacente, afetuoso e de compaixão por quem sofre as penas do fogo purgativo, fortalecendo, por outro lado, os laços emocionais e o sentido de continuidade pertença dos defuntos à comunidade. Havia a certeza que jamais seriam esquecidos e sugeria aos vivos o desfrute da mesma condição após a morte. A devoção das Alminhas deu uma visão mais doce à versão do Purgatório, e funcionou ainda como barreira à aparição das almas penadas, ajudando à superação do medo das penas infernais.

A cumplicidade dos vivos com os defuntos aprofundou-se numa rede corporativa de ajuda mútua e algo subversiva. Às Alminhas está subjacente o surpreendente poder taumaturgo, invertendo a ordem divina exclusiva a Nossa Senhora - desde sempre o primeiro socorro dos aflitos - a santos, e a Cristo. O povo atreveu-se a construir, à margem das diretrizes eclesiais, uma ponte de acesso ao divino, implorando às benditas Almas proteção, apelando-lhes a atender as suas necessidades, por quem já conheceu o real sabor das agruras terrenas. A imagem sofredora do Purgatório desvanecia-se nesse momento contemplativo e nela se vislumbra a matriz da religiosidade popular portuguesa na revivência dos cultos gentios dos Ancestrais como entidades divinizadas e guardiãs das atividades dos vivos - era costume ver-se nas Alminhas transmontanas produtos da terra ofertados pelo povo em agradecimento pela produtividade, num gesto arcaizante de rituais das colheitas.

Novembro é o mês tradicionalmente dedicado às almas. A festa do Dia dos Fiéis Defuntos, a 2 de novembro, no dia seguinte ao Samhain, festival de encerramento das colheitas na celebração do Ano Novo Celta e início do inverno. É o momento de abertura dos portais do mundo dos mortos para a visita anual ao mundo dos vivos e com eles conviverem durante o período de inverno. A estação escura e fria encontrava-se sob governo das forças do submundo, tanto as benéficas na ágape com os mortos, como as perniciosas simbolizadas pelas forças meteorológicas destrutivas. As populações rurais criaram uma perceção religiosa sui generis em função do processamento imaginativo dos fenómenos naturais. As tempestades invernais resultam em personificações do temperamento de espetros violentos e perigosos, solidários ao Diabo (a Caçada Selvagem liderada por Ódin, Holda e Gwyn ap Nudd, divindades germanas e celtas diabolizadas, caso do Secular das Nuvens que produz ruidosas tempestades e anda pelas nuvens a batalhar, entidade do folclore português).

Nos Fiéis limpam-se as campas e acendem-se velas para que não falte luz às almas no caminho de regresso à última residência e oferece-se-lhes castanhas. A Encomendação das Almas ou cantar às almas na Quaresma é outra expressão ritual da cultura popular em louvor dos defuntos, reminiscência de práticas culturais pagãs, visando o seu progresso espiritual e alívio das penas, e de encorajamento. O rito, sempre noturno, tem um aspeto marcadamente tétrico: cantos e procissões soturnas. Destinava-se alguém para se deslocar à meia noite ao cemitério com uma campainha onde começava a tocar, dizendo: “almas, acompanhai-me” depois seguia pelas ruas a tocar a campainha pedindo “padres-nossos e avés-marias” pelas almas, juntando-se-lhe pessoas ao cortejo. As almas eram alimentadas por orações e exortadas a elevar-se da condição punitiva, enquanto o préstimo piedoso cumpre a sua parte de estimulação aos fiéis a corrigirem erros, evitarem pecados e a progredirem espiritualmente ainda em vida.

## De braço dado com Pã

A Luxúria de Júlia Ramalho

Os Diabos, Mafarricos e tudo o género de figuras diabólicas pertencem à simbólica do caos, à Noite original essencial ao desencadear de novo ato de criação. Na profundidade telúrica, Terra da Felicidade dos povos pré-cristãos, reina agora o esquecimento e o sofrimento. A Morte atua neste rituais populares acompanhada por Diabos, personagens míticas de cerimónias pagãs associadas aos prazeres sensuais. A mitologia popular manteve, contudo, o Diabo como importante filantropo nos processos de fecundidade.

Rosa Ramalho tornou a arte do figurado uma proflática forma de exorcizar a ansiedade psíquica, ao regurgitar para a realidade mundana os embaraços monstruosos nascidos no universo de pesadelos que ensombrevam a sua infância. A candura das suas peças de cerâmica ajudavam Rosa a canalizar os medos dos pecados capitais interiorizados na catequese e a mostrar a existência física do Inferno. Rosa Ramalho mergulhou nas dimensões infernais durante o sono, precisamente no período de maior libertação psico-emocional de eventos traumatizantes. Ela tirou da realidade onírica o imaginário religioso e fantástico do figurado na representação dicotómica da religiosidade popular.

A vertente fantasmagórica do inconsciente de Rosa abriu as portas ao imaginário enigmático de outros barristas de Barcelos. Júlia Ramalho, neta e discípula de Rosa, manteve a linha dual entre o Céu e o Inferno na figuração dos pecados e das virtudes - intervenientes na epistemologia da morte. Vemos nestas peças resquírios da metamorfose da serpente de avatar do renascimento e solidário à mulher para símbolo das forças do mal; e Pã, deus da sexualidade renovadora, transfigurado na imagem chifruda e devorador de corpos.

---

## Breve incursão pelo Além Germânico

Se a existência humana estava pautada por duras e restritivas doutrinas, que penitências sofreriam os povos bárbaros do Norte, cuja história, escrita de violência, rapinagem, destruição e morte, garantia-lhes em absoluto um destino post mortem na ardência infernal?

A Voluspa, “A profecia da vidente”, poema inicial da Edda Poética, descreve que o habitat dos mortos situava-se na região subterrânea, onde os defuntos beneficiavam de um estado de graça. Helheim, morada dos mortos, é descrito como lugar de felicidade e luzente. Não havia castigo maior do que ser um pária nos domínios do Além, a impossibilidade do defunto de ter uma vivência bem-aventurada em Hel, última residência para mulheres, homens que nunca envergaram a espada, e crianças, no Valhalla ou Folkvang, o paraíso exclusivo aos guerreiros imortais. Os deuses aprovavam e aplaudiam com gáudio atos heroicos e patrióticos, mas baniam os receosos e cobardes. Os deuses sorriam a cada golpe sobre o inimigo que, na mundivisão destes povos, engrandeciam a força divina. Nos países do Norte, porém, Hel preservou o seu sentido lato de lugar de felicidade e de acolhimento dos mortos, e sem a sugestão adicional de condenação e suplício. A cosmovisão dos povos do frio não comportava sofrimento além túmulo, pois a vida prefigurava a inefável oportunidade de convívio com os deuses, após a da morte.

Não havia razões para temer o além túmulo, mesmo para os que cumpriram o ciclo de vida sem nunca erguerem a espada, nem por que castrar os sentidos físicos, pois tudo fazia parte do ciclo da própria Natureza. Vivia-se em harmonia com os deuses, cujo trono estava próximo da Terra, no Céu, onde se veem claramente as nuvens, o azul celeste de dia, as estrelas à noite e se sente o ar que envolve a terra.

A conceção de um cosmo para pecadores não integrava o léxico religioso dos antigos germânicos, e para esse facto faz-se nota as dificuldades do bispo Úlfilas, o Apóstolo dos Godos, do século IV, na tradução Novo Testamento do Grego para o Gótico (sistema linguístico por ele inventado a partir do proto-germânico). Úlfilas não dispunha de equivalências semânticas o lugar de tortura e de intensos sofrimentos: a Hades manteve o significado original de Halja (Hel), «lugar dos mortos» e para Geena «inferno», recorreu à palavra *emprestada* gaifálna.

## BIBLIOGRAFIA

- AA. VV., Máscaras da Província de Zamora, do Nordeste Transmontano e Douro, Bragança, Câmara Municipal de Bragança, 2009
- Beirão, Florentino Vicente, Laços entre Vivos e Mortos: As benditas almas na religiosidade popular.
- De La Saussaye, Chantepie, História das Religiões, volume III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1979.
- De Vries, Jan, La Religion des Celtes, Paris, Payot, 1975.
- Valhalladur, Valquíria, As Moradas Secretas de Ódin. São Paulo, Madras Editora, 2007.